

## TAUNAY E A CRÍTICA LITERÁRIA: BREVE REVISÃO

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira  
Departamento de Letras  
UNICENTRO, Guarapuava - PR

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo analisar como as diversas histórias de literatura brasileira avaliaram a obra de Alfredo d’Escagnolle Taunay, escritor romântico. Para isso, foram escolhidos os historiadores : Silvio Romero, José Veríssimo, Afrânio Coutinho, Antonio Candido e Alfredo Bosi, percorrendo, dessa forma, as principais correntes da crítica literária no Brasil, desde as pesquisas de índole nacional até os dias atuais.

**Palavras-chave:** crítica literária; Taunay; história da literatura

**Abstract:** This study aims at analyzing how the diverse histories of the Brazilian literature evaluated the work of the romantic writer Alfredo d’Escagnolle Taunay. For this purpose, it was chosen the historians Silvio Romero, José Veríssimo, Afrânio Coutinho and Alfredo Bosi, in order to cover the main literary tendencies in Brazil, from research into the national nature to research into the present day.

**Key-words:** critical literary; Taunay; history of literature

Entre nós, pode-se admitir, sem prejuízo dos pioneiros românticos, que a crítica literária começou a fazer sua história com a geração de 70, no fim do século XIX, com Silvio Romero e José Veríssimo, que adotaram as teorias científicas como o positivismo de Auguste Comte, o evolucionismo do naturalista alemão Ernst Haeckel e a filosofia do inglês Spencer, que eram as idéias novas da época, mas sem perder de vista, princípios recebidos da geração romântica, a afirmação de nacionalidade e caráter estético.

O naturalismo, que justificava o regionalismo, inaugurado pelo romantismo, e que se abria para a explicação sociológica, mais a história, que se constituiu no braço

direito da crítica, associavam a índole nacional da literatura ao esquema triádico, raça, meio e momento histórico, exposto por Taine e adotado, em linhas gerais, na *História da Literatura Brasileira*, de Sílvia Romero. (1888). Para Benedito Nunes: “Desde então, crítica e história caminhariam juntas em nossa literatura, mas sem reparos corretivos como os de Sílvia Romero, em nome de uma espécie de culturalismo, e os de José Veríssimo, em nome da literatura como arte. (...)” (1989, p.134).

A crítica, vista por Afrânio Coutinho, fornece-nos o conhecimento objetivo das obras. Como esse conhecimento captaria qualidades, a objetividade que se aponta concerne aos valores estéticos que as constituem, conhecidos por esse método específico e englobados individualmente pela obras em universos suficientes, implantados numa filosofia de valores. Dessa forma, numa assimilação do cientificismo difuso na ambiência cultural, defende-se a idéia de que a crítica seja ciência no seu rigor como atividade reflexiva e intelectual, com um método específico, rigoroso.

A *Formação da Literatura Brasileira* (1959), de Antonio Candido, pretendeu resolver o impasse entre o valor estético da obra e o valor social, na convicção de que a literatura nacional desponta no período arcádico, identifica a correlação entre obras e leitores, formando um sistema simbólico, prestes a se converter em tradição. Assim, o conhecimento histórico integra a estética e a estética integra a história, de tal modo que assimilada ficasse a dimensão social como fator de arte.

Alfredo Bosi, em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970), defende a denominada crítica sócio-histórica e novamente unem-se Literatura, Sociologia e História.

A formação do cânone brasileiro deve-se, em grande parte, a esses historiadores. Logo, é mister buscá-los para melhor compreensão da obra do escritor Alfredo d’Escagnolle Taunay.

Alfredo d’Escagnolle Taunay nasceu no Rio de Janeiro, em 1843. Desde muito jovem, iniciou-se no estudo de línguas. Coursou a Escola Militar e, nomeado segundo-tenente, participou da Guerra do Paraguai. Com a retirada da Laguna e a derrota dos brasileiros, voltou ao Rio de Janeiro, onde publicou a primeira parte da obra *A Retirada da Laguna*, escrita em francês. Participou de outras campanhas militares, ingressando depois na carreira política, exercendo as funções de deputado, presidente da província do Paraná e senador. Recebeu o título de Visconde. Afastou-se da política depois da proclamação da República.

Fruto de pesquisas e observações feitas no local onde transcorre a ação - o Mato Grosso – o romance *Inocência* documentou para o leitor cidadão um mundo diverso da corte, com costumes diferentes, língua diversa, código de honra distinto daquele que vigorava na cidade, principalmente na cidade grande. Cirino, por exemplo, representa com clareza uma figura comum na época: a do médico prático, que aprendeu sua ciência com rudimentos de teoria e muita experiência. Os cursos de medicina, na época, eram ainda escassos e a eles tinha acesso somente uma elite, que se concentrava nas grandes cidades. Manecão é o sertanejo desbravador da terra. Inocência é a personificação da

beleza singela, natural. As demais obras de Taunay não têm o mesmo valor literário de *Inocência*, traduzida para quase todos os idiomas modernos - inclusive o japonês - e também adaptada para o cinema. Morreu no Rio de Janeiro, em 1899.

Escreveu: *A Mocidade de Trajano* (1871); *Inocência* (1872); *Lágrimas do coração* (1873); *Ouro sobre azul* (1875). *A Retirada da Laguna* (1868, em francês; 1872, em português). *O Encilhamento* (1894), *No Declínio*. (1899)

Em sua *História da Literatura Brasileira*, Romero (1960) destaca duas manifestações que marcaram Taunay: o romance e a política e ressalta que há uma espécie de contradição intrínseca e fundamental entre o romancista e o político: “(...) Aquele um dos mais brasileiristas havidos: este um dos mais estrangeiristas em plagas nacionais.”(1960,p. 1492 ).

Para demonstrar essa contradição, o autor busca argumentação na origem de Taunay : “ Para conciliar, se possível for, mostrando que não são irreduzíveis, será mister buscar-lhe os germes de origem e assistir à formação da alma que as asilou e nutriu com a sua seiva.” ( 1960, p. 1492). Ressaltando, assim, o caráter determinista de sua crítica.

O historiador acrescenta que a visão da natureza brasileira e do sentimento de solidariedade nacional, depurado pela Guerra do Paraguai, fez deste filho de franceses um dos mais extremados nacionalistas, por isso é que no romancista é tão intensa esta nota. Mas a educação européia e que se juntou, mais tarde, à extensa peregrinação pelo Velho Mundo, não deixou de apagar nele um quê de estrangeiro, tendência que foi encontrar lugar na política. Daí seu constante sonhar com a imigração, a colonização, os casamentos civis e problemas em que o brasileiro é representado como um ser doente ou desequilibrado que precisa de vacina alienígena para viver e progredir.

Para o crítico, foram as prolongadas viagens pelo interior do Brasil que despertaram em Taunay o talento e o gosto de escrever. Sua obra destaca-se em duas categorias: os romances da roça e do sertão e os das cidades e dos salões, sendo os primeiros preferíveis. Nota-se, assim, a primeira classificação da obra do autor de *Inocência*.

No decorrer da análise feita por Romero, fica claro que ele não submete ao juízo de valor, nenhuma obra específica, ele considera a produção artística de Taunay como um todo e finaliza sua exposição afirmando que:

Possuía o autor de *Inocência*, em maior escala que o de Assis, o sentimento da paisagem, mais do que o conhecimento direto da natureza brasileira, e Távora, posto que em grau inferior, o tom campestre. É o maior elogio que lhe pode ser feito; porque no mais não suporta o paralelo, nomeadamente com aqueles dois grandes mestres do romance nacional. A sua obra, tomada em conjunto, como forma e como fundo, é consideravelmente inferior à do autor de *Senhora* e à do escritor de Brás Cubas revela um espírito mais limitado e menos possante. Falta - lhe a imaginação, a poesia, a eloquência, a graça que enchem as páginas

de Alencar, a finura, a perspicácia, a elegância e distinção no dizer, que avultam nas de Machado de Assis. (1960, p. 1496)

Veríssimo, em *História da Literatura Brasileira* (1969), reafirma as palavras de Romero, no que se refere à contradição que existe entre o político e o romancista, destacando que isso prejudicaria sua produção:

Esta falha, porém, revia a sua esquisita binomia e o ingênuo ardor de propagandista que nele houve sempre e se manifestou nas suas campanhas de imprensa e de tribuna por questões públicas tomadas calorosamente a peito. Não é ocioso recordá-lo, pois mostra a feição prática do gênio de Taunay, feição que não foi estranha à sua fórmula literária. (1969, p. 216).

Acrescenta, ainda, que faltou coesão e intensidade que lhe dessem mais solidez e distinção. E como quer que seja, dispersiva, feita com facilidade, que opta pelo banal e inconsequente. Assim como Silvio Romero destaca as origens de Taunay:

(...) não obstante a sua dupla origem estrangeira, era um genuíno brasileiro de índole e sentimento. Não lhe faltavam sequer sinais das nossas peculiaridades, o que lhe completava a caracterização nacional. A sua literatura de inspiração, sentimento e intenção brasileira é a expressão sincera desta sua feição. O seu europeísmo ainda muito próximo, apenas lhe transparece no ardor com que, apesar de conservador de partido se empenhou por idéias liberais que a seu ver deviam atrair e facilitar a imigração européia, da qual foi ardoroso propugnador. (1969, p.217).

Romero refaz a trajetória literária de Taunay, lembrando o pseudônimo utilizado pelo romancista, Sílvio Dinarte, que estreou na literatura com o romance *A Mocidade de Trajano*, em 1871. Quer neste, quer em *Inocência*, observa-se a sentimentalidade excessiva e o romanesco do romance em voga. Paisagens e costumes são descritos com mais senso da realidade e mais sobriedade e exatidão de traços, novamente há a concordância com as idéias de Romero.

O historiador fixa-se na análise mais aprofundada do romance *Inocência*, e cita que a obra recebeu recomendação considerável de Francisco Otaviano, poeta romântico, que lhe augurava longa vida e acertou no vaticínio. Otaviano escreveu que a obra é feita de

(...) impressões diretas de paisagens, cenas, tipos e fatos gerais, apenas idealizados por uma recordação que devia de ser saudosa, havia neste, com uma representação esteticamente verdadeira, ao mesmo tempo singela e forte, do sertão e da vida sertaneja no Brasil central, um sincero sentimento, uma simpatia real, sem excesso de sensibilidade, do seu objeto. Não obstante desfalecimentos de estilo, havia mais nele o mérito da novidade. (in Verissimo 1969, p. 218).

Corroborando com as idéias Silvio Romero faz comparações entre Taunay e Alencar e Bernardo Guimarães, adicionando Macedo:

O primeiro era romanesco e idealista, feições que ao tempo as suas reais qualidades de escritor não bastavam para atenuar. Macedo, mestre de que aliás Taunay se confessava discípulo, sobre romanesco, de língua desleixada e estilo frouxo, pode dizer-se que não tinha propriamente feitio literário. Bernardo Guimarães, com qualidades artísticas inferiores, como Macedo, era como Alencar, mas sem o seu talento, um romântico idealista piorado pelo romanesco sentimental. (1969, p. 236).

O historiador afirma que Taunay escreve o primeiro romance realista: “No exato sentido do vocábulo, da vida brasileira num dos seus aspectos mais curiosos, um romance ressumando a realidade, quase sem esforço de imaginação, nem literatura, mas que a emoção humana da tragédia rústica, de uma simplicidade clássica, idealiza nobremente.” (1969, p. 237). Complementa, o perfil da obra *Inocência*, escrevendo que não havia nela os enfeites que se resumiam em embelezar a vida e costumes e a si mesmos sublimarem-se. E com rara simplicidade, saía uma obra-prima que, infelizmente, se não repetiria jamais na obra do romancista. Com o término da análise de *Inocência*, o autor cita *Retirada da Laguna*, ou antes *La Retraite de Lagune*, pois foi escrita em francês. Para Romero: “A sua escrita nesta língua porventura contribuiu para lhe dar a sóbria elegância e o intenso vigor descritivo que a distinguem na sua obra, mas de alguma sorte, a desterra da nossa literatura.” (1969, p. 238).

A crítica ao autor de *A Retirada de Laguna* é encerrada com a afirmação de que ele possuía dons de observação, qualidades de narração e também de composição, apesar da fraqueza e ineficiência da aplicação psicológica e maior simplicidade de estilo, geralmente os sobrelevam aos romances de Macedo ou Bernardo Guimarães e até, embora menos, aos de Alencar.

Coutinho(1970) inicia o comentário acerca da obra de Taunay citando o romance *Inocência*, dizendo que foi o único que lhe deu o mérito de ser conhecido fora do Brasil, por meio das publicações feitas por jornais estrangeiros sob forma de folhetins. No Brasil, conforme o crítico, não será demasiado dizer que o prestígio, embora diminuído, ainda perdura. O historiador utiliza-se, também, da afirmação de Francisco Otaviano, já citado em Romero, confirmando o vaticínio de longa vida que lhe fez o poeta romântico, logo no seu aparecimento.

Coutinho cita Veríssimo, quando escreve que o romance foi muito corrigido e melhorado, a partir da segunda edição, em 1884, devendo datar-se daí a sua crescente popularidade, só comparável, na obra do autor, à que também gozava.

A que se deve essa impressionante popularidade de *Inocência*? Indaga Coutinho. O segredo disso, segundo ele, parece residir na conjugação de vários fatores do mesmo modo importantes, uma história de amor de acentuado sabor romântico, com uma descrição realista de hábitos e costumes, episódios e cenários da vida sertaneja, até

então inédita em nossa literatura. Confirmando a idéia de seus antecessores, Coutinho atribui esse mérito ao fato de Taunay transportar para a sua narrativa grande parte de experiência regional que adquirira nas viagens e campanhas militares, adiantando-se, desse modo, ao regionalismo de Alencar e Bernardo Guimarães.

Afrânio Coutinho afirma ser Taunay, escritor de transição entre o Romantismo e o Realismo, devendo ser situado mais próximo daquele do que deste. Há, portanto, uma discordância com a afirmação de Romero. Sua concepção do mundo tem muito do idealismo sentimental sobre a observação e a análise. A essa observação será conveniente acrescentar que, sabendo conduzir a intriga e movimentar as personagens, Taunay quase sempre se perde nas descrições da natureza ou nas anotações de costumes, talvez pela excessiva preocupação de fidelidade do romance, o seu caráter de fábula, disso decorrendo a observação, Coutinho cita Olívio Montenegro, quando este escreve que : “o autor chega a deixar a impressão de um homem de ciência mais do que de um puro escritor; de um etnógrafo mais do que de um puro romancista.” Curioso, neste fato é que já se não evidencia o lado político de Taunay, mas uma outra faceta, a de cientista. Prosseguindo a análise de *Inocência*, Coutinho declara que:

(...) é uma história sentimental estruturada segundo os moldes do melhor romance romântico, mas Taunay quis enriquecê-la de valores secundários reais, objetivos, retirados da vida imediata. Nem sempre, porém, foi capaz de utilizar esses valores como romancista, de integrá-los de modo adequado no mundo de *Inocência*. Daí o seu realismo, cópia fiel de alguns detalhes da realidade, mas ainda longe de ser a visão realista do mundo, que apareceria em romancistas posteriores. (1970, p.458).

Nas demais obras Taunay, continua o crítico, conta histórias que se passam na capital, e nenhum deles, mesmo na época da publicação, conseguiu a repercussão daquele. O próprio *O Encilhamento* a respeito do qual surgiram tantos comentários, não alcançou igual sucesso, o livro foi sendo esquecido, como os demais. Finaliza o comentário dizendo que da obra de ficção de Taunay, foi *Inocência* o romance que lhe conferiu lugar na história literária como um dos marcos entre o Romantismo e o Realismo.

Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970), declara que Taunay no âmbito de nosso regionalismo, romântico ou realista, nada há que supere *Inocência* em simplicidade e bom gosto, méritos que o público logo lhe reconheceu, esgotando sucessivamente mais de trinta edições sem falar nas que, já no século passado, fizeram-se em quase todas as línguas cultas. Segundo ele, há no romance algo de mediador, na sua atitude em relação à matéria da própria obra:

Taunay idealiza, mas parcialmente, porque o seu interesse real é de ordem pictórica: a cor da paisagem, os costumes, os modismos, que ele observa e frui como típico. Viajante mais sensual do que apaixonado, incapaz do empenho emotivo de um Alencar, a sua realidade é por isso mesmo mais tangível e mediana. (1970, p. 157).



Há quem veja nele um escritor de transição para o realismo, esta afirmação pode ser encontrada em Coutinho. Bosi diz que não é bem assim. Quando maduro, praticou o naturalismo. E a postura que se reflete nos romances mundanos, que se seguiram à *Inocência*, diz que se algo mudou foi a sociedade, não o estofo individualista do escritor.

Dentre os historiadores, Antonio Candido (1959) é o que mais se detém na crítica a Taunay, afirmando que é um caso que se destaca na literatura de seu tempo, para a qual trouxe sua experiência de guerra e sertão filtrada através da sensibilidade. Esta combinação de senso prático e refinamento estético fundamenta as suas boas obras e compõe o traçado geral da sua obra. Conforme Candido, o autor :

(...) viajava de lápis na mão, registrando as cenas de viagem em desenhos de “ingênuo paisagista” como se qualifica. Desenhos de traço elementar, com efeito, mas atentos à realidade e transpondo-a com amenizada placidez, diferente do risco nervoso de outro romancista bem dotado para as artes plásticas -Raul Pompéia. (1959, p. 306).

No primeiro capítulo de *Inocência*, - *O Sertão e o Sertanejo* -, a paisagem e a vida daqueles ermos são apresentados a partir de alguns temas fundamentais, com notas que irão prenunciar certos movimentos de *A Terra* e de *O Homem*, em *Os Sertões* de Euclides da Cunha. Comparação esta inédita, já que nenhum dos historiadores havia feito. A paisagem deixou de ser, segundo Candido, um espetáculo: integrou-se na sua experiência de homem. Assim, resulta um brasileiro misto de entusiasmo plástico e a consciência dos problemas econômicos e sociais.

Para o autor de *Formação da Literatura Brasileira*, duas palavras poderiam sintetizar-lhe a obra: impressão e lembrança, pois o que há nela de melhor é fruto das impressões da juventude e da lembrança em que as conservou. É preciso apontá-las, porque sua obra é um longo diário, numa literatura parca de documentação pessoal; ainda hoje os seus herdeiros publicam periodicamente um trecho a mais das suas opiniões e reminiscências, centralizadas agora pelas Memórias. Não seria fortuita a simpatia que mostra por Stendhal, a quem se equiparou certa vez, era orgulhoso o que contribuiu para firmar-lhe os traços da personalidade, haja vista o alto conceito das próprias obras.

Candido escreve que *Inocência* para Taunay parecia algo definitivo pelo cunho de realidade e por concretizar uma aspiração literária fundamental do Romantismo: o nacionalismo estético. Os personagens em *Inocência*, segundo o historiador, são criados partindo da configuração do real, inspirados em sua vivência receberam coloração artística.

A vigorosa, não obstante amaneirada consciência dramática que está contida na obra *Inocência*, não ocorre nos outros romances de Taunay; assim também, a que vemos na *Retirada da Laguna* não se encontra nas demais narrativas de guerra e de viagem. E que há no fundo de ambas, certas vivências cuja expressão mais forte se fundiu neles. Em *A Retirada da Laguna*, o longo padecimento da tropa - compartilhado a cada instante, transfigurado pelos problemas de honra militar e sentimento nacional - permitiram-

lhe transpor a jornada a uma categoria dramática. Se em *Inocência* a experiência artística do sertão serviu-lhe de veículo para exprimir uma versão rústica da fatalidade amorosa, foi porque ele vivera em Mato Grosso uma aventura apenas recentemente revelada nas Memórias, em páginas admiráveis pela sinceridade da emoção.

A experiência da guerra, do sertão, e do amor no sertão, condicionaram estes traços, que se tornaram os mais vivos e importantes para nós, numa personalidade em que, no entanto, havia outros. Entre eles, os pendores de mundanismo, que se tornaram secundários, mas nunca desapareceram, e que percorreram por grande parte da sua obra de ficção, dando-lhe um ar curiosamente ajanotado. Não esqueçamos que o autor de *Inocência*, das narrativas de guerra e viagem d'*A Retirada da Laguna*, é também autor de *Um Manuscrito de Mulher*, *Ouro sobre Azul*, *No Declínio*, isto é, um continuador de Macedo (a quem dedica o livro de estréia) e do Alencar mais ameno de certos romances de costumes. Entre eles e ele, há uma nítida linha de contato, que é também de evolução. Evolução não tanto na qualidade, mas em certos recursos, como a sobriedade, e, sobretudo, evolução da sociedade descrita - desde a burguesia mal talhada d'*A Moreninha* até a gente mais polida e mesmo sofisticada dos seus romances de cidade. Trinta anos de desenvolvimento da Corte não passariam sem deixar marca paralelamente à fadiga da ficção romântica brasileira, que ia acabando numa idealização meio banal.

De 1871 a 1875, Taunay publicou quatro dos seus seis romances. Por vinte anos não voltou ao gênero, absorvido pela política, em que desempenhou bom papel, e que abandonou com a Proclamação da República. Pôs-se, então, a refazer o passado em escritos de reminiscência que contribuem para esclarecer não apenas a sua obra, mas alguns aspectos e pessoas do seu tempo.

O mundanismo de Taunay se traduz por um certo desprezo latente em relação à alta sociedade, para ele não suficientemente polida, e pela idealização compensatória de tipos requintados, geralmente cosmopolitas iniciados nos costumes europeus, conhecedores da etiqueta, de vinhos e citações literárias. Traduz-se, ainda, na frívola complacência do tom aristocrático, que, no entanto, parece provinciano, pela banalidade dos adjetivos, a ingênua afetação de conhecimentos, o teor rasteiro de um humorismo que tenciona ser fino.

Ao lado disso, é preciso registrar, em quase todos os seus romances, toques mais construtivos, como o pendor pelos problemas sociais, embora nem sempre os apresente com a elaboração conveniente, fazendo-os parecer inclusões meio indigestas. Na *Mocidade de Trajano* (1871), aborda de maneira difusa os problemas da escravidão, da consciência política, da imigração, da naturalização, que ocupariam mais tarde boa parte da sua atividade pública. Em *O Encilhamento* (1894), procura analisar o jogo da especulação e do carreirismo econômico; em *No Declínio* (1899), intercala, com discreta habilidade, a situação miserável das classes pobres.

O seu primeiro romance *Mocidade de Trajano* (1871), o mais longo e ambicioso de todos, é uma espécie de *Bildungsroman* bastante mal composto, sobrecarregado, no qual os elementos melodramáticos e os cordéis de folhetim cruzam



com dissertações políticas, econômicas e literárias. Nele, ocorrem muitos dos temas da sua predileção, inclusive a presença da Europa, cujo conhecimento timbra ingenuamente em se manifestar (e que aparece até no Epílogo de *Inocência*, levando-nos do sertão de Mato Grosso para a Alemanha). O panorama da vida fazendeira, que nele esboça se refinará, misturado ao da vida urbana.

Em *Ouro sobre Azul* (1875) encontrou a fórmula mais equilibrada do seu mundanismo. O romance *Lágrimas da Coração*, que em sua segunda edição, tornou-se *Manuscrito de uma Mulher* (1873), e em *No Declínio* (1899), ambos têm a ambição do estudo psicológico e são os seus dois perfis de mulher. O primeiro (talvez influenciado de fato por José de Alencar) é pior que mau, e o autor não consegue tornar convincente o seu monstro moral, decepcionante e frouxo. O segundo escapou de ser bom seja pela coerência apreciável da composição, seja pela originalidade da situação inventada: uma quarentona que parece jovem, e se conserva ao se preservar das emoções, cai bruscamente na verdade física e moral dos anos, quando é tocada pela paixão de um moço. Neste livro, a influência possível de Paul Bourget vem dar um toque mais moderno aos conflitos românticos da obra anterior.

Em seus dois últimos romances, há algo de estudo, ou seja, da concepção realista, e, sobretudo naturalista, que trata como caso o aspecto descrito da realidade. Caso social em *O Encilhamento*; caso psicológico em *O Declínio*; ambos mais secos do que as produções da mocidade.

Os seus artigos de crítica, publicados no intervalo das duas fases de criação novelística, revelam bastante interesse pelo romance naturalista. Apesar de rejeitá-lo com certa indignação, reconhece nele meio constrangido as qualidades de análise da vida real que o atraíam de certo modo desde a juventude. Daí censurar o convencionalismo dos românticos e declarar-se a favor do respeito à realidade, embora escreva a descrição da vida sexual (em *No Declínio*, acabará por dar alguns toques quase metafóricos neste sentido). Por isso, louva o realismo comedido dos ingleses, de Fielding a George Eliot; e nas *Memórias*, ao analisar as próprias obras, deixa de lado todos os seus romances, salvo *Inocência* que lhe parecia o mais real.

Entretanto, foi sempre tão vivo nele o senso da realidade e o gosto pela observação, que não se deve ver nas duas etapas da sua produção novelística uma contradição ou ruptura. E o mesmo Taunay de *Ouro sobre Azul*, menos idealizador e mais linear. Não há motivos, portanto, para classificá-lo fora do Romantismo. A sua obra continua o relativo sincretismo deste, tanto no rumo urbano quanto no regional. O que se pode talvez dizer é que os romances do fim representam um final mais ponderado, beneficiado da experiência anterior de Alencar e do conhecimento do romance europeu pós-romântico. Mas a maneira de apreender a realidade e interpretar os atos e sentimentos - esta permanece no universo do Romantismo.

## **Referências bibliográficas**

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1959. 2 v.

COUTINHO, A. (dir.). **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sul-Americana, 1970. 1 v.

NUNES, B. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1989.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. 3ª edição aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. 5 v.

TAUNAY, A. d'E., **Visconde de Taunay, 1843-1899**. Inocência / Visconde de Taunay.- São Paulo: Três Livros e Fascículos, 1984.

VERISSÍMO, J. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1969.